

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Na sessão de 27 de março de 2010, foi prestada homenagem póstuma a José Venicius Marinho Frias, falecido em 22/1/2009. Fez o discurso o acadêmico Amós Coêlho da Silva.

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva

Vou destacar das múltiplas recordações de minha convivência com o Prof. José Venicius Marinho Frias a minha leitura de sua obra “Português Exercício” em co-autoria com Walter Medeiros.

Eu já havia estudado com o Prof. Venicius no Colégio Estadual Visconde de Cairu e ainda me recordo das suas correções de redação dos quase quarenta alunos. Ele tinha a paciência de preencher aqueles espaços em que os redatores iniciantes costumam fazer lacunas por falta de destreza ou perícia em relação aos conectivos. Era o meu quarto ano ginásial. No ano seguinte, iria para o segundo grau. Como estivesse descompassado em relação à idade e ao ano letivo em curso, por minhas dificuldades particulares, para mim, seria muito importante estudar com seriedade este ano, logo após ter servido ao exército.

Guardando as devidas proporções, na comparação que traço, o Prof. Venicius fazia com as nossas redações, mais ou menos, o mesmo trabalho que Machado de Assis fizera com a sua edição de *Quincas Borba* definitiva. Sabe-se que esta obra fora editada em folhetim e, depois, foi editada com forma de livro no ano de 1891, pela Editora Garnier. Ao longo de cinco anos anteriores, foi publicado, como já mencionei, em formato de folhetim inicialmente na revista “A Estação”. Para chegar ao formato do romance de 1891, Machado modificou profundamente a redação. Suprimiu trechos; transformou algumas passagens em discurso indireto livre. Se para Machado, corrigir “Aqui está o nosso Rubião” para “Rubião fitava a enseada...” foi difícil, fico imaginando o quanto foram complicadas as correções do Prof. Venicius. Por vezes, deve ter tido de adivinhar o que seria minha enunciação, repleta de lapsos gramaticais, diante daquele papel...

Por exemplo, para se indicar a complexidade deste trabalho de um professor, no capítulo 9, *O “Discurso de Outrem”*, Mikhail Bakhtin (Voloshinov):

“Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida?”

O que Bakhtin (Voloshinov) está debatendo é a dicotomia saussuriana *langue* / *parole*. É o mecanismo do indivíduo social frente o que a sociedade sistematizou. Ou seja, havia uma preocupação nos trabalhos escolares do Prof. Venicius, inserir

uma pessoa nas possibilidades de escolhas linguísticas convenientes e determinadas pelo sistema.

Dei sorte, porque ele era aquele professor que, numa palavra, deixava claro aquele ponto obscuro da gramática. Lembro-me de usar a gramática de Artur de Almeida Torres, por sua orientação e a li toda. Ainda havia um livro de sintaxe, de sua autoria, embora contabilizasse poucas páginas naquele tempo, foi para mim um guia seguro, que estimulou a minha escolha pelo estudo do Latim.

Eu só cheguei a descobrir o latinista e helenista que o Prof. José Venicius era quando me tornei outra vez seu aluno na graduação da Universidade Gama Filho, da qual, como também Diretor daquela instituição, foi, desde a década de 1970, mais ou menos, sem favorecimento, mais amigo dos seus colegas subalternos do que um cumpridor de normas diretrizes. Emprestou-me todos os seus apontamentos de aula da Língua Grega dos seus estudos na UEG – Universidade do Estado da Guabanara, hoje UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Quando esta universidade se envolveu com as circunstâncias vigentes em moda de corte de grade curricular, atrasos de pagamentos de salários e corte de pessoal em geral, notamos a importância de contar com a sua direção.

Enfim, de aluno tornei-me seu colega na Universidade Gama Filho. O Prof. Venicius não foi para mim, nem para o colega Mário Alexandre aqui presente, de quem também foi professor, “um professor de melancolia”, que diria abanando a cabeça: “- Também tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”, como no livro *Várias Histórias*, no conto *Um Apólogo*, de Machado de Assis.

Gostaria de voltar um pouco mais no tempo. Para entrar como aluno para Gama Filho não só li o seu livro “Português Exercício”, editado pela Linceu, 1969. Como também o usei em minhas aulas nesta instituição de ensino, a partir de uma reforma que transformou o português na disciplina “Expressão Oral e Escrita”. Tenho de cor - além das lições bem estruturadas em exercícios práticos de ortografia, classes de palavras, morfologia, prosódia e ortoépia, pontuação etc.- suas interpretações de textos como *Roda Vida*, de Chico Buarque de Holanda; *As Pombas*, de Raimundo Correia; *Duelo*, (in Sagarana, pág. 139) João Guimarães Rosa; *Rio de Janeiro*, Ascenso Ferreira; *Círculo Vicioso*, Machado de Assis; *Candeeiro Familiar*, Jorge de Lima; o soneto *Aquela triste e leda madrugada...*, de Luís de Camões; *Três Cantos*, de Casimiro de Abreu etc.

O meu colega de turma na graduação, Prof. Mário Alexandre, quando soube desta singela homenagem, levou à minha residência sua obra *Elementos de Morfologia (Prática)*, além de se ler uma dedicatória, emblemática de um verdadeiro mestre, porque nunca falou *ex cathedra*, ou seja, embora detivesse saber suficiente para se investir dessa autoridade, era simples. Simples, como aquele pensamento de Pérsio, nas *Sátiras*: *Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter, o teu saber é nada, a não ser que outro aprenda isto que tu sabes.* (I, 27). A dedicatória era: *Para o Prof. Mário, com a simpatia intelectual de.* Encontramos aí uma outra parte de sua

trajetória profissional, anotada por ele mesmo: Mestrado em Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense; Titular de Língua Portuguesa das FIS; Titular de Língua Portuguesa das FICB, Professor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Gama Filho – onde, além do que já se comentou, acrescento as inúmeras aberturas de solenidades de formatura de professores de Letras, nos anos de sua direção.

Como a grade curricular encolhesse cada vez mais dos anos 90 para cá, o que, aliás, além de ameaçar nosso emprego no magistério, representava uma queda acadêmica no curso de Letras e, depois, se estendeu a todos os cursos de graduação. Degenerescência que cresceu de tal modo, que nos nossos dias atuais muitos cursos foram extintos, inclusive Letras. Toco neste assunto porque encontramos no Prof. José Venicius amparo e confiança. Certa feita, quando fecharam o curso de Latim para Direito, ele me chamou e perguntou se estavam pagando o salário, cuja turma era a última. É que durante anos eles admitiram até noventa alunos na disciplina e os que não estavam dispostos a estudar se escondiam atrás das colunas daquelas tradicionais salas do Prédio de Direito ou, então, não compareciam mesmo. Não havia tempo para fazer chamada corretamente. De natural, os que cursavam com seriedade, e sempre havia, começaram a perder o interesse, dada a multidão reunida para aulas. Pois bem, consultado se estava recebendo, disse que sim. Ele iria fazer um arrazoado para defender, este que agora era seu colega.

No semestre seguinte, ao receber o horário, a turma de Latim para Direito não constava mais. Mas ele já estava com uma apostila de seu uso e turmas de comunicação que reivindicava um professor de português da confiança dele. E eu fui escolhido por ele como este professor de sua confiança. Era assim que o Prof. José Venicius se relacionava com os seus subalternos, inspirando confiança, ouvindo suas dificuldades.

No ano 2002, ao ler meu artigo “A Importância do Latim nos *Curricula*”, demonstrou entusiasmo e conseguiu inseri-lo na publicação do mesmo semestre, embora já tivesse seguido para o prelo o material de edição da revista UNIABEU.

Gostaria que estas palavras ficassem registradas nas atas da Academia Brasileira de Filologia e que, em dado momento, um ou vários associados leiam oportunamente os nomes completos dos familiares e amigos do Prof. Venicius presentes aqui, sábado, dia 27 de março de 2010. Eis as minhas palavras.

HOMENAGEM A NESTOR DORKHORN

Na sessão de junho de 2010, foi homenageado o
Mestre NESTOR DOCKHORN.

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva

O Professor Nestor Dockhorn (1920 – 2010) criou não um convívio entre intelectuais mas um círculo de estudos e pesquisas que permitia, ou melhor, acolhia neófitos e veteranos de múltiplas áreas *em sentido restrito, stricto sensu*. Empenhava-se em fazer amizade com os departamentos universitários, em especial os de Grego, Latim e Alemão, com o objetivo de formar diálogos e círculos acadêmicos de estudos, sempre ciente de que, como diria Terêncio, *Heautontimoróumenos*, (I, 1, 25) *homo sum: humani nihil a me alienum puto, sou homem: eu não considero alheio a mim nada do que humano*. Uma lição de Humanismo, no mesmo sentido que o dicionário eletrônico de Antônio Houaiss que afirma: *valorizava um saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana*.

Tamanho era seu esforço para se familiarizar com o parecer intelectual dos colegas acadêmicos. Nos congressos e simpósios, estava presente a cada seção, de segunda à sexta-feira e desde o horário inicial ao término das apresentações de diversos estudos, num esforço ímpar, apesar dos seus noventa anos, como pude testemunhar nos Congressos de Linguística e Filologia do grupo CIFEFIL – Círculo Fluminense de Filologia e Linguística.

Na tradicional mesa-redonda que presidia, a primeira foi em 2004, intitulada “A variante popular do latim (latim vulgar)”, discorreu sobre “A necessidade de fazer transcrição fonética no estudo da variante popular do latim”, partilhava comigo, Amós Coêlho da Silva, que abordei “Presença do latim”, com Airto Ceolin Montagner - “A fantástica *Navigatio Sancti Brendani*”, Eliana da Cunha Lopes - “Pompéia: um relicário do latim vulgar” e Rosalvo do Valle.

A última foi em 2009, a mesa-redonda se denominou “O latim em todos os tempos”, mas já abalado por enfermidade, viu-se forçado a faltar, também dado o receio de familiares em relação a um surto de gripe que assolava a capital do Rio de Janeiro, pediu-me que lesse sua pesquisa sobre “Aspectos do texto latino da encíclica *Spe Salvi*, de Bento XVI”.

Não me surpreendeu sua aplicação à leitura linguística de mais recente pesquisa de centros acadêmicos europeus importantíssimos. Mas ainda é notável o seu interesse pela linguagem eclesiástica, versada em latim, seu respectivo olhar filológico sobre registros latinos e sobre recentes assuntos da Igreja.

Tinha interesse por professores e alunos de grego e latim, português, francês e alemão e, nas suas pesquisas particulares, conforme o seu currículo registra: *e estudo contínuo e sistemático dos seguintes idiomas: árabe, hebraico, alemão, sueco, norueguês, holandês, dinamarquês, finlandês, quimbundo, ioruba, russo, polonês, suaili, exirima*.